

A Nação e a informação

"Novos meios jogam a censura no lixo da história"

Fernando Henrique Cardoso *

O Brasil tem razões para encerrar com autoconfiança seu futuro na era da informação em tempo real.

As novas tecnologias de transmissão e processamento da informação afetam de maneira inquietante os próprios fundamentos do conceito de nação.

A revolução dos transportes encurtou as distâncias e aumentou exponencialmente o fluxo internacional de pessoas e mercadorias. A revolução da informática e das telecomunicações zera as distâncias e tende a suplantar as fronteiras nacionais.

Quase duas dezenas de satélites de telecomunicações pertencentes a diferentes



Fernando Henrique Cardoso

governos e organizações privadas estarão operando sobre o Brasil nos próximos anos. Nem o governo brasileiro nem o governo algum terá meios de controlar unilateralmente o acesso de seus cidadãos ao imenso caudal de sons, imagens e dados que passará - como já passa - por essa constelação de antenas orbitais. Tanto mais porque o acesso dependerá cada vez menos das grandes estações retransmissoras terrestres. Com antenas parabólicas de tamanho e custo declinantes, qualquer família de classe média ou associação comunitária poderá sintonizar diretamente o satélite de sua escolha. (A propósito, será que os adversários das reformas econômicas já param para pensar se o monopólio estatal das telecomunicações tem algum futuro nesse contexto?)

Isso é bom porque joga definitivamente na lata de lixo da história a censura e sua irmã siamesa, a manipulação da informação, como instrumentos da tirania. Em agosto de 1990, na ex-União Soviética, alguns milhares de militantes anônimos armados apenas de modems e fax conseguiram driblar a censura telefônica e ajudaram a organizar a resistência ao golpe de Estado contra as reformas democratizantes.

É bom também porque multiplica prauicamente ao

infinito as possibilidades de intercâmbio científico, tecnológico e cultural. De seu terminal conectado à Internet, o pesquisador da Embrapa no coração do Brasil tem acesso instantâneo a produção de ponta da pesquisa agrônômica em escala mundial. E ainda pode passear "on line" pelos grandes museus de artes plásticas da Europa nas horas de folga.

Mas as novas tecnologias por si só não têm o condão de instaurar sobre a Terra o reino da fraternidade universal. Pelo menos no futuro próximo, as nações soberanas, com sua identidade histórica, seus governos, seus interesses estratégicos e seus diferentes níveis de riqueza e poderio militar, continuarão a ser atores destacados da cena mundial.

É importante entender os novos desafios que a era da informação instantânea coloca para países, como o Brasil, que ainda lutam para se afirmar no concerto das nações.

Habituaamo-nos a pensar na vastidão do nosso território e de suas riquezas, na densidade da infra-estrutura econômica, no grau de integração da matriz industrial como apanágios da nossa "vocação para o desenvolvimento". Tudo isso continuará sendo essencial. Mas cresce a importância de um outro fator: a capacidade de assimilar informação, decodificá-la e usá-la como ferramenta para produzir conhecimento.

Os países desenvolvidos já se aperceberam do papel crucial dos vários ramos da indústria da informação - que caminham a passo acelerado para se fundir na multimídia - não só como matriz de valores culturais e comportamentos, mas como alavancadora de investimentos e oportunidades de emprego.

Ora, a capacidade de assimilar informação não reside no território, nem nas estradas e usinas, nem nas máqui-

nas, e sim na mente da pessoas.

O Brasil entra nessa corrida com pelo menos um trunfo importantíssimo: uma população de 150 milhões unida pela língua e por uma identidade cultural que coexiste harmoniosamente com uma riquíssima diversidade. A televisão, que hoje é talvez o ramo mais bem-sucedido da nossa indústria da informação, dá uma pálida idéia de onde podemos chegar unindo as novas tecnologias a essa matriz cultural.

Para isso, no entanto, precisamos acelerar o passo, não só das reformas econômicas, mas das reformas sociais que permitirão ao Estado brasileiro, em parceria com a sociedade, fazer os investimentos necessários na saúde e na massa cinzenta do nosso povo.

* Presidente da República